

Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo à excepção de excertos para divulgação. Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

TÍTULO

Agostinho da Silva - A Última Entrevista de Imprensa

AUTORES

Pedro Martins, António Ladeira e José Pedro Guerreiro Xavier

PREFÁCIO

António Cândido Franco

POSFÁCIO

João Ferreira

APOIO INSTITUCIONAL E CIENTÍFICO

Projecto António Telmo. Vida e Obra / GEAS – Gabinete de Estudos Agostinho da Silva

COORDENAÇÃO EDITORIAL, TRANSCRIÇÃO, ORGANIZAÇÃO E REVISÃO

António Ladeira, Pedro Martins e Rui Lopo

EDITORES

Alexandre Gabriel & Sofia Vaz Ribeiro

1ª EDIÇÃO: Julho de 2016

ISBN: 978-989-677-140-9


DEPÓSITO LEGAL: 411 823/16

IMPRESSÃO: DPS

© 2016, Pedro Martins, António Ladeira, José Pedro Guerreiro Xavier & Zéfiro



Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Lda.
Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal
EMAIL: zefiro@zefiro.pt

 WWW.ZEFIRO.PT

A ÚLTIMA ENTREVISTA, O PRIMEIRO DE NOVOS LIVROS?

A última entrevista, o primeiro de novos livros?.....	9
Agostinho da Silva, um sesimbrense por adopção	11
Nota editorial.....	13
Prefácio	17
A Última Entrevista de Imprensa.....	27
Posfácio.....	75
Cronologia de Agostinho da Silva.....	101
Adenda.....	111

Com ritmo, após 2006, ano do aniversário da fundação de Agostinho da Silva, em que se publicaram vários estudos de carácter mais pessoal, que para nós é o recente número de *Leitura*, um número após esse longo que parecia emergente enquanto quase que por vontade, e que é como mais estranho porquanto ainda há bastante trabalho de Agostinho da Silva por publicar e fazer um grupo de pessoas capazes a trabalhar na publicação desses livros.

Com a enfermidade que nos vitou a vitimar Pedro Agostinho da Silva, o seu filho mais velho e supereminente dos restantes benfiteiros, com todas as qualificações para a vitimar igualmente com trabalho, porém incluído em causa o que havia sido já feito, sabemos de que sabemos, ainda que, por enquanto, não podemos falar de tudo o que sabemos.

...a entrevista de Agostinho da Silva na parte final da vida fez da entrevista um novo género de expressão. No seu caso, a entrevista não teve o sentido de promoção, de consagração ou de exposição pública, que é em geral a forma vulgar com que os escritores a adoptam. Nele a entrevista era apenas uma forma de continuar pelo oral, numa altura em que a apetência de pegar na caneta era já pouca, o que sempre o prendera na escrita, o gosto de falar de tudo e de qualquer coisa. O resultado foi um novo género de expressão, vivo e coloquial, que podemos considerar o último grande modo de expressão verbal de Agostinho da Silva.

Foi nas imediações do 13 de Fevereiro de 1986, data redonda em que festejava 80 anos, que os jornais se lembraram dele. Viviam ainda a memória da sua acção pedagógica nas décadas anteriores à partida para o Brasil, em 1944, e a forte impressão que os cadernos culturais, as biografias, as palestras em sociedades de recreio e em escolas, os programas radiofónicos, os passeios em que andou com Orlando Ribeiro, a polémica com os jornais católicos, a prisão no Aljube e outros eventos assim impressionantes haviam deixado nos contemporâneos, muitos deles ainda vivos e activos em 1985/6.

Sobreveio o interesse por saber o que andara ele a fazer pelo Brasil durante um quarto de século e que continuava uma incógnita. Se havia um retrato quase nítido para o jovem doutor da Faculdade de Letras do Porto que colaborara com António Sérgio na *Seara Nova*, já do Agostinho que desandara para o Brasil e de lá voltara meio americano nada ou pouco se sabia. Castelo Branco Chaves e Álvaro Salema, entre outros,

...a entrevista de Agostinho da Silva na parte final da vida fez da entrevista um novo género de expressão. No seu caso, a entrevista não teve o sentido de promoção, de consagração ou de exposição pública, que é em geral a forma vulgar com que os escritores a adoptam. Nele a entrevista era apenas uma forma de continuar pelo oral, numa altura em que a apetência de pegar na caneta era já pouca, o que sempre o prendera na escrita, o gosto de falar de tudo e de qualquer coisa. O resultado foi um novo género de expressão, vivo e coloquial, que podemos considerar o último grande modo de expressão verbal de Agostinho da Silva.

AS ENTREVISTAS DE AGOSTINHO DA SILVA

Prefácio

Agostinho da Silva na parte final da vida fez da entrevista um novo género de expressão. No seu caso, a entrevista não teve o sentido de promoção, de consagração ou de exposição pública, que é em geral a forma vulgar com que os escritores a adoptam. Nele a entrevista era apenas uma forma de continuar pelo oral, numa altura em que a apetência de pegar na caneta era já pouca, o que sempre o prendera na escrita, o gosto de falar de tudo e de qualquer coisa. O resultado foi um novo género de expressão, vivo e coloquial, que podemos considerar o último grande modo de expressão verbal de Agostinho da Silva.

Foi nas imediações do 13 de Fevereiro de 1986, data redonda em que festejava 80 anos, que os jornais se lembraram dele. Viviam ainda a memória da sua acção pedagógica nas décadas anteriores à partida para o Brasil, em 1944, e a forte impressão que os cadernos culturais, as biografias, as palestras em sociedades de recreio e em escolas, os programas radiofónicos, os passeios em que andou com Orlando Ribeiro, a polémica com os jornais católicos, a prisão no Aljube e outros eventos assim impressionantes haviam deixado nos contemporâneos, muitos deles ainda vivos e activos em 1985/6.

Sobreveio o interesse por saber o que andara ele a fazer pelo Brasil durante um quarto de século e que continuava uma incógnita. Se havia um retrato quase nítido para o jovem doutor da Faculdade de Letras do Porto que colaborara com António Sérgio na *Seara Nova*, já do Agostinho que desandara para o Brasil e de lá voltara meio americano nada ou pouco se sabia. Castelo Branco Chaves e Álvaro Salema, entre outros,



estavam vivos e testemunhavam do primeiro Agostinho, o da *Seara* e o dos cadernos culturais; do segundo, mais próximo, só se sabia que andara embrulhado por Brasília e pouco mais.

Ora Agostinho, apesar de quase octogenário, continuava activo como mostravam as recentes iniciativas em que se metera com Fernando Cristóvão e as inúmeras folhinhas dactilografadas que fazia circular entre os amigos e eram agora a sua forma de comunicar com o mundo. Para atiçar a curiosidade apresentava-se como um simplório de província que todas as manhãs podia ser visto a dar milho aos pombos, debaixo do grande cedro do jardim do Príncipe Real.

Vieram pois as entrevistas. O antigo seareiro era um falador nato que nunca se recusava a uma conversa. A primeira grande entrevista foi feita pela revista *Grande Reportagem*, pela mão de Joaquim Furtado, e publicada em cinco partes entre 7 de Dezembro de 1984 e 4 de Janeiro de 1985. Antes dela só a fugaz aparição no programa Zip-Zip, no final de Agosto de 1969, no momento em que acabava de chegar a Portugal, e a conversa com Tereza Sá Nogueira, em 1975, que nunca chegou a ser estampada e só circulou em carta dactilografada enviada pelo autor a uma centena de amigos.

Em Dezembro de 1985, a poucas semanas de lhe cantarem os parabéns, nova entrevista, desta vez à revista *Filosofia*. A responsabilidade coube a Joel Serrão, alguém que o conhecera bem como escritor antes da partida para o Brasil em 1944, e que contou com a colaboração de João Lopes Alves, Nuno Nabais, António Braz Teixeira e José Pedro Serra. É uma das mais extensas e completas entrevistas que deu. São riquíssimas as notícias autobiográficas que aí se avançam, de permeio com muitas outras reflexões gerais, de cariz geo-social. De seguida, em Março de 1986, veio a entrevista à revista *ICALP*, com perguntas de Fernando Cristóvão e Maria Idalina Resina Rodrigues, também ela cheia e indispensável para se saber da riquíssima vida deste homem desde os primeiros tempos de Barca de Alva até aos de Salvador da Baía e de Brasília.

Ainda no ano de 1986 houve mais umas tantas conversas para a imprensa escrita, todas entremeadas de muita atenção ao seu percurso de vida, quer o mais antigo quer o do Brasil – mais recente mas mais obscuro. A primeira ao *Diário de Lisboa* (19-4-1986), de Lurdes Féria;

a segunda ao *Diário Popular* (5-5-1986), de Orlando Raimundo; a terceira ao *Correio da Manhã* (31/1-5/6-1986), de Victor Mendanha; a quarta ao *Diário de Notícias* (20-7-1986), de Antónia de Sousa; a quinta ao *Jornal de Letras* (15-9-1986), de Carlos Câmara Leme. Esta última fez-se acompanhar dum depoimento de Mário Soares, já então presidente da República – acabara de ser eleito em Março desse ano contra Freitas do Amaral. Para além destas, houve ainda o registo que Henryk Siewierski gravou com Agostinho por esta mesma época, no Outono de 1985, e que deu anos mais tarde, já depois da partida definitiva do entrevistado, o livro *Vida Conversável* (1994). O volume (tal como está, já que lhe falta uma segunda parte nunca publicada) compila e organiza talvez a mais completa entrevista que Agostinho deu, se bem que a de Antónia de Sousa, tal como ela a restituiu na íntegra no livro *O Império Acabou. E Agora?* (2000), não lhe ande muito atrás e até em certos aspectos lhe tome a dianteira. Ao conjunto some-se ainda a entrevista que no mesmo ano de 1986 o autor das *Sete Cartas* deu a Manuel Hermínio Monteiro e a Gil de Carvalho e de que resultou o livro, *Ir à Índia sem Abandonar Portugal* (1987).

Como se vê as entrevistas foram muitas e chegam bem para criar na obra de Agostinho um compartimento próprio, com características inconfundíveis. Há nessas conversas toda uma componente narrativa, que só no domínio da criação poética se entende. Agostinho não se limita a reviver as situações através da interposição do discurso indirecto e do contacto à distância com as sombras do passado. Deita antes mão aos recursos dum narrador poético, ressuscitando o passado, através do discurso directo das personagens. Sem cenários para pintar, sem descrições para rolar, o biógrafo de Francisco de Assis, de Lamennais ou de Miguel Ângelo reaparece aqui, mas tomando agora a narração da sua própria vida como peça de trabalho. Chega mais descarnado e nu, sem quadros descritivos, sem pausas reflexivas, mas também mais poético, se por poesia se entender a possibilidade de dar voz e vida a personagens de papel. Há passagens das entrevistas dos oitenta anos que fazem a vez de verdadeiras dramatizações. São quadros poéticos vivos, embutidos em conversas.

O processo da dramatização autobiográfica atravessa em geral todas as entrevistas do período. Em *Vida Conversável* (1994: 152-153) encontra-se todo um demorado segmento relativo a Brasília, o da fundação do

Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, que é restituído pela focalização dos diálogos havidos entre Darcy Ribeiro e Agostinho da Silva. Até o encontro que teve em Lisboa em 1962 com Franco Nogueira, depois de se ver livre da polícia política, recorre ao mesmo tipo de desenvolvimento (1994: 155-156). Muitos outros passos do livro ilustram este gosto recorrente pela dramatização. Dou só mais um exemplo: a seca do sertão da Paraíba de 1952-1953 é restituída através de dois diálogos, o primeiro com a juventude de João Pessoa que Agostinho mobilizou no apoio aos retirantes e o segundo com um sargento do Regimento de Caçadores da cidade (1994: 105-106).

Na entrevista dada à revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, *ICALP* depara-se com o mesmo recurso. O discurso directo tem uma presença forte na primeira parte da entrevista, que serve momento a momento para reconstituir o passado. É através de diálogos que o entrevistado restitui os episódios do seu doutoramento em 1929 (*Dispersos*, 1988: 83-84), da sua passagem da Paraíba a Santa Catarina em 1955 (*Dispersos*, 1988: 85), da sua saída de Santa Catarina e chegada a Salvador da Baía em 1959 (*Dispersos*, 1988: 87) e ainda a relação com Edgard Santos (*Dispersos*, 1988: 87-89) e Darcy Ribeiro (*Dispersos*, 1988: 91-92). Nessa entrevista, Agostinho atreve-se até a dramatizar numa rua de Lisboa um diálogo entre Vasco da Gama e um amigo (*Dispersos*, 1988: 100), isto para ilustrar a teoria da política de transporte sergiano. Arrojo semelhante se encontra na entrevista da mesma época à revista *Filosofia*, muito mais moderada porém no uso deste processo, em que se imagina um diálogo em Atenas entre Sócrates e um seu discípulo, a propósito do casamento (*Dispersos*, 1988: 78). Até no monólogo autobiográfico desta época, *Caderno de Lembranças*, riquíssimo do ponto de vista estilístico, com marcas de oralidade que revelam um escritor muito hábil a manobrar os vários registos escritos, se encontra o mesmo processo. As entrevistas, como se vê, são marcantes no domínio da criação poética e do recurso aos seus processos.

Neste capítulo das entrevistas entram ainda as “Conversas Vadias”, que foram programa televisivo na Primavera de 1990. Os processos são os mesmos que vimos para as entrevistas em cima indicadas, com uma diferença apenas: estas conversas não foram passadas ao papel. Ficaram sempre, ao menos até hoje, e que eu saiba, no registo original, oral e

televisivo, ao invés da primeira aparição de Agostinho na pantalha, em Agosto de 69, no programa *Zip-Zip*, que teve transcrição em papel e foi recolhida por Paulo Borges no valioso volume *Dispersos* (1988), que compila todas, ou quase todas, as entrevistas deste período.

Depois das conversas televisivas, que lhe exigiram decerto um esforço invulgar para homem de 84 anos, Agostinho teve dois problemas graves de saúde, o primeiro, uma inflamação do peritoneu, que o obrigou a uma delicada intervenção cirúrgica no hospital S. Francisco de Xavier em Agosto de 1990 e a uma demorada convalescença – no final de Outubro ainda estava semi-acamado – e o segundo, um edema pulmonar, no início do ano de 1992, que custou a sarar – chegou então a perder a voz – e deixou marcas fatais na sua saúde abalada por uma longa vida de bolandas e mau passadio. A doença que o acabaria por levar na Primavera de 1994 começaria por uma pneumonia resistente a todo o tratamento.

Seja como for, entre a Primavera de 1992, momento em que recuperou do edema, e o Outono de 1993, em que recaiu, está um longo ano e meio em que este homem, mesmo abrandando o ritmo em que acelerara no momento dos 80 anos, continuou activo, a concretizar planos – foi por exemplo neste momento que readquiriu a nacionalidade portuguesa e criou o fundo do prémio D. Dinis – e até a dar entrevistas, embora a um passo muito mais lento. Neste lapso de tempo contam-se três grandes entrevistas, que serão as derradeiras. A primeira delas foi dada a António Escudeiro, na Primavera (?) de 1992, de que resultou um livro póstumo, *Agostinho da Silva – Ele Próprio* (2006). As duas derradeiras, com um intervalo muito próximo: a primeira, conduzida por Pedro Martins, António Ladeira e José Pedro Guerreiro Xavier, que saiu no jornal *Raio de Luz* (30-9-1993), do final de Setembro de 1993 e a segunda, da responsabilidade de Luís Machado, que apareceu em livro, *A Última Conversa* (1995), de 9 de Outubro.

É a entrevista ao jornal *Raio de Luz*, a última dada à imprensa, que aqui se publica neste livro que o leitor tem nas mãos, agora na íntegra e sem os inevitáveis cortes que o espaço da imprensa escrita sempre pede. Dela se dará ainda mais tarde uma palavra. Para já paga o esforço atentar na conversa com Luís Machado. Agostinho apresenta aí um vigor inesperado para um homem que tivera recentemente dois

graves problemas de saúde e que estava à beira de completar 88 anos. Falou mais de cinco horas seguidas, sem interrupções, contou a história da sua vida dum ponta à outra, dramatizou em discurso directo com gozo juvenil cenas da sua primeira estadia em Lisboa em 1929, reconstituiu uma conversa com Salgado Júnior no mesmo ano na praça do Rossio, divertiu-se com as recordações que tinha de Cunhal e de Soares, brincou um tanto com Cavaco Silva, não deu mostras de cansaço ou de arrelia. Começou por volta das nove horas e terminou já depois das duas da tarde. A certa altura descreveu o seu dia-a-dia naquela época assim (2001: 104-105): *De manhã, a primeira coisa é tratar dos gatos: lavar as louças deles, ter tudo arrumado e dar-lhes comida. (...) Só então, depois disso tudo, que acaba lá pelas sete, é que vou fazer aquilo que não teria paciência para fazer durante o resto do dia: umas cartas que é preciso pôr em ordem, traduzir o Virgílio (olhe, aqueles textos ali foram todos traduzidos de manhã), o Horácio também, e não tenho muito mais paciência para outras coisas.* Estava pois nessa altura a traduzir Virgílio, que viria a lume já depois da sua morte. Nessa conversa diz que já não madruga às três da manhã, como fizera a vida toda; dava-se na velhice à preguiça de só se levantar da cama às cinco (2001: 65).

O recurso ao discurso directo das personagens nesta sua entrevista não tem apenas lugar no momento em que Agostinho precisa de recuperar as parcelas mais apagadas da sua biografia, as que vão da adolescência aos eventos do Brasil. Longe disso. Mesmo casos recentes são restituídos de idêntico modo, através do discurso directo, da voz das personagens, do diálogo cheio, entrecortado por intervenções rápidas do narrador, de apoio aos factos ou de introdução às personagens e suas falas. Aspectos da viagem ao Japão em 1963 são por exemplo recriados em *A Última Conversa* pela reconstituição e reinvenção da fala dos intervenientes. Lá temos assim Agostinho em diálogo vivo com o presidente da Escola Normal de Tóquio (2001: 70-71).

Mas não só esses momentos recentes são restituídos através do discurso directo das personagens. Há até casos presentes, quase a acontecer no momento em que Agostinho está a dar a sua entrevista, que aparecem dramatizados através do diálogo das personagens. São casos extremos mas de grande importância. O de maior envergadura, o mais complexo, desdobrando-se em várias sequências, diz respeito a Cavaco

Silva, então primeiro-ministro. Agostinho acabara de readquirir, a 12-3-1992, por iniciativa de Cavaco, a nacionalidade portuguesa, logo seguida, três meses depois, pela reintegração na função pública portuguesa, como professor universitário. O processo meteu ministro da educação, primeiro-ministro, presidente da república. A matéria é restituída através de diálogos com Cavaco Silva, com o funcionário Souto Tomé e com Deus Pinheiro (2001: 80-87). Além ou aquém da poética oral de restituição, o resultado real – e há sempre duas verdades: a do que se conta e a do que aconteceu – foi a criação do Fundo D. Dinis, uma iniciativa que envolveu a Caixa Geral de Pensões e o Montepio e canalizou o dinheiro da reintegração na função pública portuguesa de Agostinho para obras sociais.

Fale-se agora sobre a entrevista surgida no jornal *Raio de Luz* no último dia de Setembro de 1993 – e reproduzida por Pedro Martins, um dos três entrevistadores, em livro seu, *Agostinho da Silva em Sesimbra* (2014). É uma entrevista de imprensa e por esse motivo muito mais limitada do que a concebida na mesma altura por Luís Machado. Ainda assim, tal como apareceu no jornal, é uma entrevista longa, de várias páginas, dividida em oito curtos capítulos e introduzida por dois parágrafos dos responsáveis. Os capítulos sucedem-se consoante os pontos que são tratados, com destaque para Europa, Comunidade Europeia, Iberismo, Festas do Espírito Santo, Educação, Municipalismo, Expo 98 e Lisboa – capital da Cultura e por fim Sesimbra, Rafael Monteiro (com quem Agostinho muito privou) e Templarismo. É uma das raras entrevistas em que o entrevistado abraça de forma explícita o Iberismo, deixando a Lusofonia semi-esquecida. Diz ele: *Aquilo que pode um dia inspirar e guiar o mundo (...) é uma Comunidade Internacional de Línguas Ibéricas.* E ainda: *Espanha é a Península. Nós, portugueses, somos “portugueses de Espanha”.* Habitados a associar Agostinho à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, temos aqui um motivo que só é surpresa para os que não conheçam a sua criação da década de 60, em especial as *Folhas Soltas de São Bento e Outras* (1965-1968) e essa figura magistral – Agostinho a escrever em castelhano – que se chama José Maria Carriedo.

Nesta entrevista, tal como ela apareceu no dia 30-9-1993, os processos de dramatização em discurso directo, característica maior destas conversas, já que são eles que emprestam a estes diálogos a força criativa

e recreativa do poético, são muito mais modestos. Existem porém e com curiosos exemplos. Ao falar do iberismo, o entrevistado dá a palavra a D. João II. É momento coloquial, saborosíssimo, em que narra, por processos de dramatização, a conversa tida há mais de 500 anos entre os reis Católicos e o rei português. E lá ouvimos no discurso de Agostinho, o rei “trezeno” dizer aos seus vizinhos do lado: *Que ideia é essa de vocês arrebatarem o nome [Espanha] e ficarem sozinhos com ele!* Também no final da entrevista ao falar dos Templários, o diálogo de Bernardo de Claraval com a Ordem do Templo é recriado de forma familiar e directa, como se estivesse a acontecer agora, diante dos nossos olhos. Assiste-se então em directo, a dez séculos de distância, ao conselho que Bernardo dá aos do Templo e que explica segundo Agostinho o enriquecimento da Ordem. Assim: *Vocês abriram caminho aos fiéis para que pudessem chegar a Jerusalém... Porque não pensam agora em converter ao cristianismo os mouros que repeliram? Podiam começar por lhes ganhar a confiança com presentes...*

Decidiu agora um dos responsáveis, Pedro Martins, recuperar a entrevista e dar a conhecer a transcrição da gravação na íntegra, recuperando os cortes que foram necessários no passado para adaptar a conversa ao jornal. Duas perguntas nos surgem. A primeira: há pontos novos nas partes que se dão a conhecer pela primeira vez? Segunda: a dramatização em discurso directo, que é o ponto mais apaladado das conversas de Agostinho, encontra agora novos motivos e novos rumos? Para o primeiro ponto percebe-se que os cortes não foram feitos em partes autónomas da entrevista mas sobretudo na extensão das respostas. Não quer isto dizer que não surjam nas partes agora restituídas novos pontos significativos. As referências ao Brasil e ao Índio, as alusões à primeira Faculdade de Letras do Porto, à figura de Teixeira Rego, a questão da reintegração de Agostinho na função pública em Portugal são pontos novos representativos, mesmo que alguns se encontrem já em entrevistas anteriores e se venham a repetir na entrevista dada uma semana depois a Luís Machado.

A dramatização por sua vez cresce muito. Temos um conjunto de episódios novos dramatizados em discurso directo, alguns de grande e feraz efeito. É o caso da sua relação com Leonardo Coimbra e com Hernâni Cidade na primeira Faculdade de Letras do Porto, de resto dois

pontos que foram sempre muito caros ao entrevistado. O mesmo para Mário Soares e a reintegração na função pública. Há porém alguma novidade, como o pequeno diálogo em torno dos cabelos brancos, as intervenções em volta da matemática de Einstein e da analfabeta de Orjais, esta talvez a figura mais “dramática”, viva e interventiva do conjunto. Seja como for, estamos ante uma entrevista que em nada desmerece as outras conhecidas e que era tempo de conhecer na totalidade. Um dia, quando se fizer a compilação num volume à parte de todas as entrevistas de Agostinho da Silva, a entrevista de Pedro Martins, António Ladeira e José Pedro Guerreiro Xavier estará pronta a ocupar o lugar que lhe cabe.

A 17 de Outubro de 1993, poucos dias depois das grandes entrevistas finais, a do jornal *Raio de Luz* e a de Luís Machado, Agostinho da Silva, teve nova quebra de saúde, desta vez uma apoplexia, que o obrigou a novo internamento hospitalar. Ainda conseguiu regressar a casa mas tão debilitado estava que voltou pouco tempo após a ser internado, para não mais regressar ao andar da Travessa do Abarracamento de Peniche, cerca da praça do Príncipe Real, onde passou os últimos anos. Morreu no Hospital São Francisco de Xavier, na parte ocidental de Lisboa, ao cimo de Belém, dominando sobranceiramente a foz do Tejo, a 3 de Abril de 1994, domingo de Páscoa. As suas palavras, escritas e orais, continuam connosco – tão vivas, tão persuasivas e tão exaltantes como no momento em que foram ditas.

BIBLIOGRAFIA

1. AGOSTINHO DA SILVA

Dispersos [“Entrevistas” (onze entrevistas a A. da S. desde 1969 a 1987)], org. e apre. Paulo Alexandre Esteves Borges, intr. Fernando Crisóstomo, badana de Mário Soares, Lx., Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988.

Ir à Índia sem abandonar Portugal [Gil de Carvalho e Manuel Hermínio Monteiro conversam com Agostinho da Silva (1987); o livro recedita ainda *Considerações* de Agostinho da Silva], Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.

Vida conversável [Henryk Siewierski conversa com Agostinho da Silva (1986); o livro teve edição simultânea em Brasília; uma segunda parte ficou até hoje inédita], Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.

A última conversa [Luís Machado conversa com Agostinho da Silva (1993)], pref. Eduardo Lourenço, Lisboa, Editorial Notícias, 1995 [ed. usada 8.ª ed., 2001].

O Império acabou. E agora? [Antónia de Sousa conversa com Agostinho da Silva (1986/87)], Lisboa, Editorial Notícias, 2000 [ed. usada 4.ª ed., 2001].

Agostinho da Silva ele próprio [António Escudeiro conversa com Agostinho da Silva (1992?)], Sintra, Zéfiro edições, 2006.

Agostinho da Silva e Vasco Magalhães-Vilhena entrevistados sobre António Sérgio [A. Campos Matos conversa com Agostinho da Silva], org., apre. e notas A. Campos Matos, Lisboa, Livros Horizonte, 2007.

Caderno de lembranças [autobiografia incompleta], fixação do texto, transcrição e notas Amon Pinho Davi e Romana Valente Pinho, Sintra, Zéfiro edições, 2006.

2. OUTRA

Epifânio, Renato, *Perspectivas sobre Agostinho da Silva na Imprensa Portuguesa*, Sintra, Zéfiro, 2008.

Martins, Pedro e António Reis Marques, *Agostinho da Silva em Sesimbra com a entrevista de Agostinho da Silva ao jornal Sesimbrense Raio de Luz* (30-9-1993), pp. 143-155], Setúbal, Centro de Estudos Bocageanos, 2014.

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

14 Maio de 2016

A ÚLTIMA ENTREVISTA DE IMPRENSA

Paralelo Agostinho da Silva – Espere que seja isso. É que trata a casa. Que tenha aquilo em ordem. É que leve a mão a uma mudança muito importante. É que esse tempo foi todo construído através da Península, com um papel mais feio da parte de Portugal. Porque Portugal realizou várias Cartografias sobre a América, não só o P. e Colombo, que era um homem extraordinário, superior que todos, e que não chega para navegar, não é verdade. O Colombo é um homem mais extraordinário porque não tem propósito na vida e o leva até ao fim, mas nunca percebe, realmente, em ser uma separação científica como tinham os portugueses, não só o P. e Colombo que não – num papel que desce – sabe que D. João II era o único rei do mundo que ele tinha conhecido e que ele não lhe reconheceu a navegação. E nunca que sou da ideia de que aquele mundo de que D. João II lhe podia falar era esse mundo de que aquele que lhe ensinavam, ou lhe falavam, os geógrafos antigos, não é aquilo. O resultado foi aquilo. Teoricamente pitoresco porque

